

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *Illustração Portuguesa*—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 7 DE DEZEMBRO DE 1903

NUMERO 5



S. M. A RAINHA MARIA CHRISTINA E SEU FILHO D. AFFONSO XIII, NA EDADE DE 3 ANOS

CHRONICA

Boas vindas

Lisboa veste-se de galas, revolve-se, limpa-se, deseja ter uma feição civilizada e um céu mais azul do que nunca para receber nos seus muros o rei de Hespanha, que vai chegar com a sua comitiva n'uma visita diplomática e amiga, visita de solidariedade e affecto, applaudida por todos nós, que amamos esse paiz de onde elle vem e onde elle reina, paiz de sol e de estontecimento, de tradições e de bravuras, paiz onde os nomes são tão compridos como as laminas dos velhos montantes, que mais de uma vez se cruzaram com espadas portuguezas sem deslouro de lado a lado.

Aquelle velho castello de S. Jorge, que além campeia sobre a cidade, dominador e valente, como nos tempos em que o Tejo lambia as muralhas da cidade e elle era o reduto inexpugnável, do alto do qual choviam flechas e se disparavam as bostas sobre as mesnadas de Castella forradas d'aço, valorosas e bravas, vai abrir as suas portas ao rei de Hespanha n'uma alegria que muito grata é a esta cidade, na qual o joven monarca vai entrar com o seu sequito, entre palmas, vivas e flores, entre homenagens á sua qualidade de soberano amigo, á sua juventude e á sua graça, á sua lembrança do escolher para a primeira sahida do seu reino, para a sua primeira viagem, a terra confinante dos seus reinos e onde os corações palpitam n'uma ansiedade de boas relações e de santos affectos.

Lisboa veste-se, pois, de galas, engrinalda-se, cobre-se de manto rico para condignamente receber aquelle que preside aos destinos de Hespanha e que no seu salão de luxo, lançado n'um temeroso galope através as serranias e as povoações, saudado por uma nação, vai entrar n'ella pela porta onde as quinas de Portugal se devem collocar ao lado dos leões castelhanos, n'uma solidariedade e estreita fraternidade da garra que feriu com a pedra retalhada, n'um contacto poronne de irmãos que se degladiaram e que por fim se uniram.

Vae longe o passado, que é um velho, uma voz que se perde e se afoga nas distancias, e o presente vive intenso e forte, a ligar dois povos na ligação dos seus soberanos.

No fundo, o nosso amor pela Hespanha foi sempre latente e isso notava-se quando na tregua se faziam allianças, quando, nos momentos terríveis da nossa nacionalidade, ella nos enviava soccorros depois de nos enviar balas. D'um lado e outro bateram-se hostes sem deslouro; e hoje os descendentes d'esses bravos estendem as mãos para um aperto amigo e eterno.

Recordar é bom quando os ruins momentos passaram e se fez a reconciliação. De ha muito estamos reconciliados, de ha muito de lá nos chamam irmãos!

Os de Hespanha, que por cá mourujam, entre nós encontram acolho, carinho, amizade. E' que existe uma coisa mais forte do que as querellas, do que as disputas, do que as ambições. São os laços de sangue, d'esse sangue que corre nas nossas veias e nas d'elles, que vem de mouros e vem de godos, dos romanos e dos suevos, sangue que tingiu as pedras dos dois reinos e salpicou os dois estandartes, mas que por fim se conteve a aquecer os corações e a fazer os palpar n'uma fraternal ancia.

O rei de Hespanha vai chegar e o Portugal de hoje prepara-se para o receber com todo o carinho, com toda a ternura, prepara-se para o guardar como hospede e para o saudar a vincar-lhe na alma adolescente uma inapagável recordação.

Essa recordação será tanto maior, quanto é certo que o Livro d'Ouro da cidade vai ser inaugurado com o seu nome; e esse Livro dos fastos ficará entre nós como o penhor de uma intensa amizade e de uma soberana affeição.

Dentro em pouco o rei estará em Lisboa, passará nas ruas, onde nos descobriremos sob os arcos triumphaes das bandeiras de Hespanha e de Portugal unidas, como symbolos das almas de dois povos mais uma vez ligados, mais uma vez irmãos, povos que soffrem e calam os gemidos para soltarem os seus braços de festa, mas em cujos corações ha hoje esperanças de um futuro feliz n'este canto da Europa, áquem dos Pyreneus, áquem das barreiras de pedras que a neve toca nos seus pincares e que o sol doura e vai rosear como a um taluarte gigantesco e sagrado a separar estas nações das outras, como a ligal-as mais entre si, apertando-as, unindo-as, irmanando-as.



1.º A ESCUOTA REAL A CARREIRO DO PRADO.—2.º ARQUIVO GERAL DO REINO DA CIDADE DO PALACIO REAL.—3.º O REINO DA GUARDA DE CAVALLARIA DO PALACIO REAL.—4.º O ARQUIVO DO REINO DA GUARDA DE CAVALLARIA DO PALACIO REAL.—5.º O PALACIO DO CONGRESSO.—6.º O PALACIO DO CONGRESSO.—7.º O MINISTERO DA GUERRA.



S. M. CATHOLICA EL-REI D. AFFONSO XIII — SEGUNDO PHOTOGRAPHIAS TIRADAS EM DIVERSAS EDADES

1.º S. M. aos 10 annos com o uniforme de capitão da academia de infantaria.—2.º S. M. aos 14 annos em trajo de caça.—3.º S. M. aos 9 annos.—4.º S. M. com o uniforme de aspirante de fuzileiro ao lado de sua mãe.
5.º S. M. aos 8 annos.—6.º S. M. aos 14 annos com o uniforme de capitão da academia polytechnica.—7.º S. M. aos 14 annos com o uniforme de almirante.



A ESCOLTA DE EL-REI AFRONSO XIII EM GRANDE UNIFORME
SALA DO CONSELHO DE MINISTROS NO PALACIO REAL DE MADRID



GABINETE CARLOS III



RECORDAÇÕES DE MADRID — S. M. O REI DE PORTUGAL ATRAVESSANDO O TIRO AOS POMBOS



A ANTE-CÂMARA DOS APOSENTOS DE S. M. CATHOLICA



SALA DAS TAPEÇARIAS
REAL PAÇO DE MADRID



O QUARTO DE CAMA DE AFOSSO XIII NO REAL PAÇO DE BELEM



REAL PAÇO DE MADRID



O REAL PAÇO DE BELEM ONDE SE VAE ALOJAR O REI DE HESPAÑA



DON MIGUEL GONZALEZ DE CASTEJON
Tenente-coronel d'estado maior, instructor militar de el-rei



DON JUAN LORIGA
Tenente-coronel de artilharia, instructor militar de el-rei



DON LUIS MORENO GIL BORGIA
Intendente geral da casa real de Hespanha



ROSENDO CARVALHEIRA
O architecto das obras do real paço de Belem



JOÃO VAZ
Pintor, auctor das matizinas que ornão as salas do real paço de Belem



GENERAL DON CAMILO POLAVIEJA
Marquez de Polavieja, chefe da casa militar de S. M. Catholica



DON PATRICIO AGUIRRE DE TEJADA
Conde de Andino, antigo chefe dos estudos e actual secretario particular do rei de Hespanha



DON SANTIAGO ALBA BONIFARY
Subsecretario da presidencia do conselho de ministros em Hespanha



DON JUAN DE CASTRO
Consel de Hespanha em Lisboa



DON RAYMUNDO VILLABERDE
Presidente do conselho de ministros em Hespanha



JORGE HUGAR
Creado do quarto de S. M. Catholica



DON MANUEL MARTINEGUI Y VINYS
Conde de S. Bernardo e ministro dos negocios estrangeiros, uma das personagens da comitiva de el-rei D. Alfonso XIII



DON CARLOS MANUEL MARIANO MARTINEZ D'ARCO Y ALCAZAR VERA D'ARAGON
Duque de Salomayor, mordomo-mor de S. M. Catholica



DON GAVINO BUGALLAL ABAIO
Ministro de instrucção publica em Hespanha



DON EDUARDO CORIAN
Ministro da marinha em Hespanha



DON RAFAEL GASSET Y CHINCHILLA
Ministro das Obras publicas Agricultura Industria e Commercio em Hespanha



DON AUGUSTO GONZALEZ BESADA
Ministro da fazenda em Hespanha



S. M. CATHOLICA EL-REI D. AFFONSO XIII



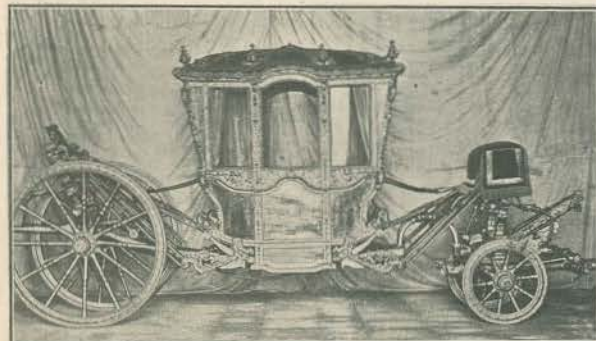
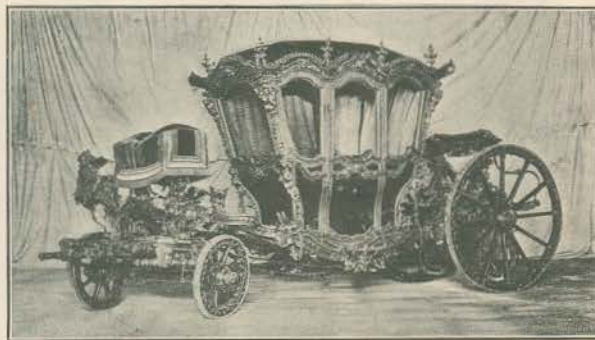
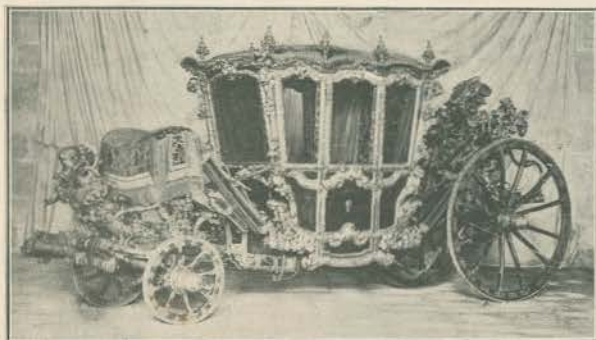
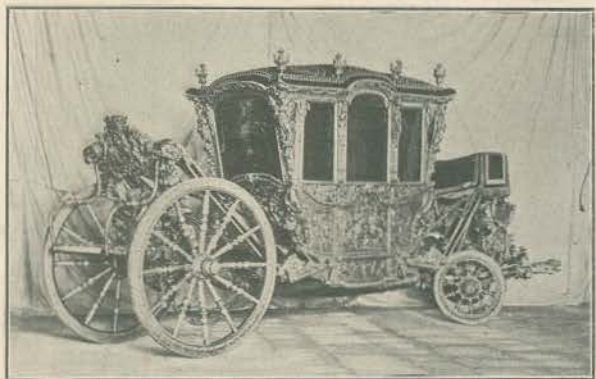
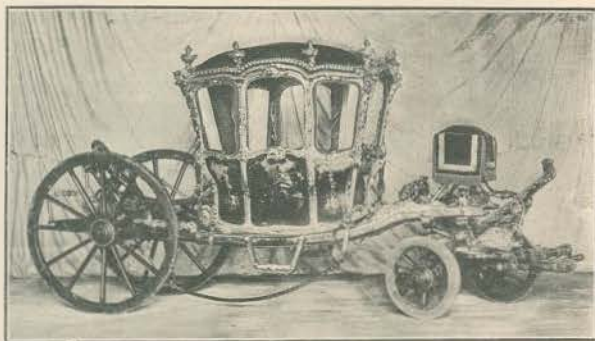
A SALA DE GASPARINI NO REAL PALACIO DE MADRID



A SALA DO THRONO DO REAL PALACIO DE MADRID



S. M. EL REI D. AFONSO XIII COM SEU CUNHADO D. CARLOS DE BOURBON, PRÍNCIPE DAS ASTÚRIAS N'UM PARQUEO MILITAR



COCHES DE GALA QUE TOMAM PARTE NO CORTEJO DO REI DE HESPAÑHA

1.º COCHE D. AFFONSO VI, DE 1606—2.º COCHE D. PEDRO II, DE 1687—3.º COCHE D. JOÃO V, DE 1708—4.º COCHE D. JOÃO V, DE 1727—5.º COCHE D. JOSÉ, DE 1750
6.º COCHE PEDRO II TAMBÉM CHAMADO DE D. FERNANDO—7.º COCHE MANDADO FAZER POR D. JOÃO V PARA SEU IHEÃO D. FRANCISCO—8.º COCHE DO TEMPO DOS FILIPES



SUA MAJESTADE A RAINHA MARIA CHRISTINA



SS. AA. RR. AS INFANTAS D. ISABEL E D. EULALIA DE BOURBON, TIAS DE S. M. CATHOLICA



S. A. R. A INFANTA D. MARIA THERESA, IRMÃ DE S. M. CATHOLICA



OPRINCEPE E A PRINCEZA DAS ASTURIAS COM SEUS FILHOS, SOBRINHOS DE EL-REI



OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES.

Publica-se aqui um periodico em lingua inglesa — *O arauto do Levante* — e ha geralmente muitos jornaes gregos e alguns francezes, que principiam e acabam, lutando por viver, e cahindo novamente. Os jornaes não são sympathicos ao governo do sultão, que nada percebe de jornalismo. Diz o proverbio: «O ignoto é sempre grande.» Para a corte, o jornal é uma instituição mysteriosa e infame. Sabem que peste isso é, porque uma vez por outra succede ter uma extracção de 2000 exemplares por dia, e consideram o jornal como uma forma benigna da peste. Quando se descaminha, suprimem-no — cahem-lhe em cima sem aviso previo e estrangulam-no. Quando elle se não descaminha durante muito tempo, tornam-se desconfiados e emmagam-no de qualquer forma, porque entendem de si para consigo que é uma machinação diabólica. Imaginae o grão vizir em solenne conselho com os magnates do reino, abrindo o seu caminho através da odiada gazeta, e dando, finalmente, a sua profunda deliberação: «Isto significa damno — é muito oscarmente e muito duvidosamente insuspeito — suprima-se! Avise-se o impressor de que se não consente isso: e vá o redactor para a cadeia.»

A industria dos jornaes tem inconvenientes em Constantinopla. Dois jornaes gregos e um francez foram uma vez aqui suprimidos, com o intervallo apenas de dias um do outro. Nenhuma victoria dos cretenses se consentiu que fosse divulgada pela imprensa. De quando em quando o grão-vizir manda ás diferentes redacções a noticia de que a insurreicção de Creta está completamente acallada, e, embora o redactor saiba que tal coisa assim não é, tem que imprimir a noticia. *O arauto do Levante* é demasiado amigo do falar com louvor dos americanos, para ser bem visto do sultão, que não gosta da nossa sympathia pelos cretenses, e por consequencia aquelle jornal tem de ser particularmente circumspecto para não passar trespasado. De uma vez a redacção, olvidando a noticia official, que vinha no periodico, de que os cretenses haviam soffrido uma derrota, publicou uma carta de um diverso teor, do consul americano em Creta, pelo que foi multado em duzentos e cinquenta dollars. N'uma palavra, publicou outra carta da mesma origem e por esse facto esteve detido na cadeia tres mezes. Creio que poderia obter o auxilio da redacção do *Levante*, mas vero se posso passar sem elle.

Supprimir aqui um jornal importa quasi a ruina do editor. Mas creio que em Napolos se especula com os rezos d'essa natureza. Lá todos os dias se supprimem jornaes, que se publicam no dia immediato com outro titulo. Durante os dez ou quinze dias que estivemos n'aquella cidade foi morto um jornal, que resuscitou duas vezes. Os rapazes empregados na venda dos jornaes são esportos, ali como em toda a parte. Tiram vantagem das fraquezas populares. Quando percebem que não é provavel terem compradores, chegam-se mysteriosamente a uma pessoa e dizem em voz baixa: — «Sahi agora mesmo: preço dobrado: o jornal foi neste instante sup-

primido.» — O transeunte compra-o, já se vê, e nada em contra n'elle. Dizem — mas não affirmo — que ás vezes se tira uma grande edição de um jornal, com um furibundo artigo sedicico, distribue-se rapidamente pelos rapazes e exgota-se até arrefecer a indignação do governo. Da bom dinheiro. O confisco não vale nada. Typos e prelos não merecem a pena da apprehensão.

Em Napolos ha só um jornal inglez. Tem setenta assinantes. O editor vac enriquecendo.

Nunca precisei de outro *lunch* turco. Os preparativos para o *lunch* estavam na pequena sala d'este, proximo do bazar, com as portas abertas para a rua. O cozinheiro era pouco assado, e a mesa igualmente, sem toalha. O homem pegou de uma porção de carne mettida em molho, passoulhe em volta um arame e pôs a assar n'um lume de carvão de lenha. Quando estava prompta, collocou-a de lado, e um triste cho entrou e mordem n'ella. Cheiron-a primeiro, e provavelmente reconheceu os restos de um amigo. O cozinheiro tirou-a de ao pé d'elle, e a poz deante de nós. Jack disse: «Passo» — joga o solo algumas vezes — e todos nós a passámos; correu a roda. O cozinheiro em seguida preparou um bolo, largo e chato, de farinha de trigo, ensopeou-o bem no molho, e vinha trazelo para nós. Comeram, mas, como cahisse no chão, elle apanhou-o, limpou-o aos calções e pô-lo deante de nós. Jack disse: «Passo». Todos passámos. Deitou uns ovos n'uma frigideira e quedou-se pensativo a esgaravalar com um garfo migalhas de carne d'entro os dentes. Serviu-se depois do mesmo garfo para voltar os ovos — e veio com elles por ali fóra. Jack disse: «Passo ainda». Todos o seguimos. Não sabendo o que havíamos de fazer, pedimos segunda dose de carne esfolada. O cozinheiro foi buscar o arame, agitou uma porção adequada de carne, extendeu-a nas mãos e deu principio á tarefa. D'esta vez, por um só impulso, todos passámos. Pagámos e sahimos. Eis tudo o que pude colher acerca de *lunch*es turcos. Um *lunch* turco é, sem dúvida, bom, mas tem de fazer-se-lhe algum desconto.

Quando penso em como tenho sido enganado pelos livros de viagens no Oriente, preciso de um viajante para o almoco. Anos e annos sonhei com as maravilhas do banho turco; annos e annos promettí a mim mesmo que ainda gosaria um. Muitas e muitas vezes, na minha imaginação, me deitei na tina de marmore, e respirei a esportiva fragrança das especiarias orientaes que enchiam o ambiente; passava depois a um processo mystico e complicado de puxões e empurrões, de molhar e esfregar, junto de uma malta de selvagens nus, que através da neblina de vapor avultavam vagamente como demônios; em seguida, descançava n'um divan digno de um rei; passava então a outra prova complexa, e mais temerosa que a primeira; e, finalmente, envolto em brandos tecidos, era transportado a um salão principesco e deposto n'uma cama de pennas, onde eunucos, ricamente vestidos, me abanavam com leques, enquanto eu adormecia e sonhava, ou alegre contemplava admirado os

ricos adornos do aposento, os tapetes macios, a mobilia sumptuosa, os quadros, e tomava delicioso café, fumava o inebriante narguillê e cahia, por fim, em tranquillo reposo, entorpecido pelos brandos aromas de perfumadores invisíveis, pelo suave influxo do tabaco persa do narguillê e pela musica das fontes, que simulavam o cair da chuva de verão.

Tal era o quadro, exactamente como o eu tirei dos incendiarios livros de viagens. Misera e doloravel impostura! A realidade parece-se tanto com elle como o passeio de S. Gii com o paraíso terreal. Receberam-me n'um grande pateo, ladeado de marmore; em redor havia largas galerias, umas sobre outras, atapetadas de esteiras usadas, com balustradas por pillar, e guarnecidas de enormes cadeiras enforçadas, almofadadas com colchões muito velhos, amolgados com os sinais que ficaram das formas de nove successivas gerações de homens, que tinham descançado n'elles. O sitio era amplo, nu e triste; o pateo um celeiro, as galerias accommodação para cavallos humanos. Os servos, meio nus e cadavericos, que havia no estabelecimento, não tinham no seu aspecto nada de poesia, nada de romance, nada de esplendor oriental. Não exhalavam nenhum perfumes estontendores — antes muito pelo contrario. Seus olhos famintos e membros descarnados suggeriam constantemente um facto evidente e nada sentimental — o que elles precisavam era de pão para a bocca.

Entrei para uma casa de tratos e despi-me. Um escomendo poteo limpo envolvou o tronco n'um vistoso panno de mesa e dependurou-me dos hombros um trapo branco. Se ali houvesse uma tina, era natural que tomasse banho. Fui então conduzido por uma escada abaixo para o pateo humido e escoregado, e a primeira coisa que attrahiu a minha attenção foram os meus calcanhares. A minha queda não provocou comentarios. Esperavam-na, sem duvida. Estava comprehendida no rol das brandas e meigas influencias peculiares a esta casa de luxo oriental. Foi bastante suave, de certo, mas a sua applicação não foi feliz. Agora deram-me um par de tamancos — bancos em miniatura, com tiras de couro pegadas para me segurar os pés (o que deveriam ter feito, se não me ficassem muito grandes). Incommodamente se me penduravam dos pés pelas correias, quando os levantava, e iam parar não sabia onde, quando os tornava a pôr no chão, sendo que algumas vezes se voltavam e me desarticulavam os tornozellos. Não obstante, indo isso era luxo, e fiz quanto pude para o gosar.

Collocaram-me n'outro ponto do celeiro e estenderam-me n'uma especie de fofa enxerga, que não era de estofo com fio de ouro ou de chales da Persia, mas simplesmente a modesta especie do couro que eu tinha visto nos bairros negros de Arkamas. Nada mais havia n'esse lobrego carcere de marmore senão cinco d'esses esquisitos mais. Era uma estancia muito solemne. Esperava eu que os perfumes da Arabia iriam insinuar-se docemente nos meus sentidos, mas não succedeu assim. Um esqueleto

de côr de cobre, com um trapo em volta de si, tronxe-me um vaso de vidro com agua, em cima um cachimbo aceso, e um tubo flexivel de comprimento de uma jarda, com uma boquilha de latão.

Era o famoso «marguillê» do Oriente—aquillo por onde o grão turco fuma nos quadros. Isto principiava a dar ares de luxo. Tomei uma fumaça e foi sufficiente; o fumo penetrou-me em grande volume no estomago, os pulmões, até nos reconditos do meu organismo. Explodi um arranço de tosse violenta e foi como se o Vesúvio tivesse começado em elaboração. Nos primeiros cinco minutos eu fumava por todos os póros, semelhante a uma casa em cujo interior pegou o fogo. Nada de mais «marguillê» para mim. Ruim gosto tinha o fumo, e o das mil línguas de infuets que haviam estado em contacto com a boquilha era ainda mais ruim. Ia desanimando. Sempre, depois d'isso, que vejo o grão turco, de pernas cruzadas, a fumar pelo seu «marguillê», na capa de papel de tabaco de Connecticut, hei de reconhecê-lo como descontrolado embaixador que é.

Este carcere estava cheio de ar muito quente. Quando aqueci bastante para me preparar para uma temperatura ainda mais quente, levaram-me para onde era—uma sala de marmore, humida, acorregadia e cheia de vapor, e puzeram-me n'uma elevada plataforma ao centro. Estava ali muito calor. Immediatamente o homem que me acompanhava assentou-me junto de um reservatório de agua muito quente, molhou-me bastante, esfregou a mão n'uma miltene aspera e começou a dar-me polimento com ella por todo o corpo. Comecei a cheirar desagradavelmente. Quanto mais elle polia, peor cheirava. Era assustador. Disse-lhe:

—Percebo que isto está muito adiantado. E' claro que devo ser enterrado sem mais delongas desnecessarias. Talvez fosse melhor irdes immediatamente procurar os meus amigos, porque o tempo está quente e não posso «aturar» mais.

Continuou a friccionar, sem dar attenção ás minhas palavras. Em breve reconheci que me diminua o volume do corpo. Esfregava com força com a miltene, e por

baixo formavam-se pequenos cylindros, semelhantes a macarronte. Sujos não podiam ser, porque eram muito alvos. D'esto modo me foi apurando ou desbastando por longo tempo. Finalmente, disse-lhe:

—Este processo é enfadonho. Ha de levar horas a reduzir-me á dimensão que quereis; espero aqui, enquanto me ides buscar uma plaina.

Não fez caso nenhum.

D'ahi a pouco trouxe uma bacia, sabonete e qualquer coisa semelhante á cauda de um cavallo. Fez uma immensa quantidade de agua de sabão e com ella me inundou desde a cabeça até aos pés, sem me prevenir que fechasse os olhos, e depois esfregou-me desesperadamente com a cauda de cavallo. Ali me deixou então, estatua alvinitente de espuma, e foi-se embora. Farto de esperar, fui á vista d'elle. Estava encostado contra a parede, n'outra sala, a dormir. Acordei-o. Não se raiou. Voltou comigo, e cobriu-me de agua muito quente, em seguida poz-me um turbante na cabeça, emburruhou-me em toalhas de mesa oxidas, levou-me para uma capoeira guardada de madeira n'uma das galerias, e apontou-me para uma das tres camas de Arkansas. Subi para ella e de novo esperei vagamente os perfumes da Arabia. Ainda d'esta vez não vieram.

A desornamentada capoeira nada posuia d'essa voluptuosidade oriental de que tanta coisa temos lido. Era mais suggestiva de hospital de provincia que de outra coisa. O descarnado servo tronxe um marguillê, e eu fiz que elle o levasse outra vez pelo mesmo caminho, sem perda de tempo. Tronxe depois o café turco, de reputação universal, que os poetas tem cantado tão arrebatadamente durante muitas gerações, e agarrei-me a elle como derradeira esperança dos meus antigos sonhos de luxo oriental. Pois era outra fraude. De todas as bebezagens pagas que jámais me passaram pelos labios o café turco é a peor. A chavona é pequena, manchada de fezes; o café é negro, espesso, sem bom aroma e o gosto execrando. O fundo da chavona tem um sedimento viscoso de moça pollegada de profundidade. Ora, isso desce pela garganta e no trajecto adhere em varias porções, produ-

zindo uma irritação plavante, que faz guinchar e tossir por espaço de uma hora.

Acaba aqui a minha experiencia do celebrado banho turco, e aqui tambem acaba o meu sonho da bealitude que experimenta quem o toma. E' um logro desaforado. Todo aquelle que gosa com elle está habilitado a gosar seja o que for repellente á vista e aos sentidos, e quem o reveste com o encanto da poesia tambem pode fazer o mesmo com outra qualquer coisa d'este mundo, enfadonho, miseravel e suja.

IV

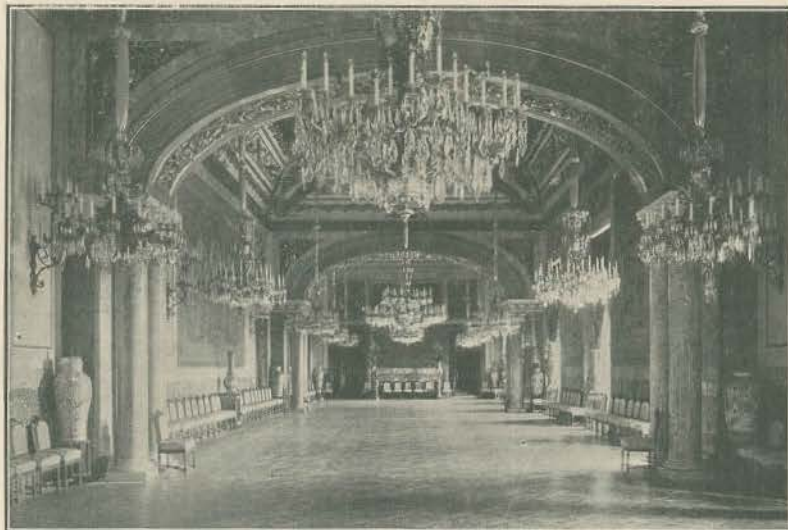
Navegando pelo Bosphoro e pelo Mar Negro.—*Fur-Away Moses*.—A melancholia Sebastopol.—Recebidos com hospitalidade na Russia.—Agradavel gente inglesa.—Lucia desesperada.—Caça ás reliquias.—De como os viajantes formam «gabinets».

Deixámos doze passageiros em Constantinopla e fomos pelo bello Bosphoro avante até ao mar Negro. Deixámos-las as garras do colobro guia turco *Fur-Away Moses*, que os ha de induzir a comprar, em tanta porção que chegue para carregar um navio, essencia de rosas, esplendidos trajes turcos, e toda a sorte de curiosidades, que nunca lhes hão de servir para nada. Fizemos menção do nome de *Fur-Away-Moses* os apreciaveis livros guias de Murray, e é uma reputação feita. Todos os dias elle se revê no facto de ser uma celebridade reconhecida. Desde que não olha a despesas, com os vistosos calções, em forma de sacco, as chinellas amarellas e pontoguardas, o fez côr de fogo, a vestia de seda azul, o cinto volumoso de estofos persa recheado de uma bateria de pistolas de cavallaria eugastadas em prata, e enfiu a sua terrivel cimitarra, considera indizível humilhação ser chamado Ferguson. Mas não tem outro remedio. Para nós todos os guias são necessariamente Fergusons, por não podermos apprendor os seus terriveis nomes extrangeiros.

FOLHETIM N.º 5

(Continúa.)





O GRANDE SALÃO DAS FESTAS NO PAÇO REAL DE MADRID
O COCHE DO MUNDO QUE SERVE NAS FESTAS DE GALA



A SALA DAS COLUMNAS NO PAÇO REAL DE MADRID
O COCHE DE JOANNA A LOUCA